



ANTOLOGIA/APOSTILA

para a disciplina

Introdução aos Estudos Clássicos II (FLC0113)

Turmas 2016231 e 2016233 – Prof. Dr. Robson T. Cesila

2º Semestre de 2016

USP/FFLCH/DLCV



Programa e Calendário

Calendário

16/08 – Poesia Lírica (finalização).	01/11 – Módulo 2
18/08 – Poesia Lírica (finalização).	03/11 – Módulo 2
23/08 – <i>III Colóquio Autores do Renascimento</i> (não haverá aula) (http://replet.fflch.usp.br/node/44).	08/11 – Módulo 2
25/08 – <i>VII Simpósio de Estudos Clássicos da USP</i> (não haverá aula) (http://replet.fflch.usp.br/node/42).	10/11 – Módulo 3
30/08 – Poesia Lírica (finalização)	15/11 – Feriado
01/09 – Poesia Lírica (finalização)	17/11 – Módulo 3
06/09 – Poesia Lírica (finalização)	22/11 – Módulo 3
08/09 – Poesia Lírica (finalização)	24/11 – Módulo 3
13/09 – Poesia Lírica (finalização)	29/11 – 2ª Prova
15/09 – Módulo 1 – IEC II	01/12 – Prova Substitutiva*
20/09 – Módulo 1 – IEC II	06/12 – Resultados da 2ª prova e médias finais.
22/09 – Módulo 1 – IEC II	08/12 – Prova Recuperação
27/09 – Módulo 1 – IEC II	
29/09 – Módulo 1 – IEC II	
04/10 – Módulo 1 – IEC II	
06/10 – Módulo 1 – IEC II	
11/10 – 1ª Prova	
13/10 – Módulo 2	
18/10 – Módulo 2	
20/10 – Módulo 2; result. da 1ª prova	
25/10 – Módulo 2	
27/10 – Não haverá aula	

* O aluno deverá obrigatoriamente trazer atestado médico ou B.O. para ter direito à prova substitutiva

Avaliações:

- Duas provas durante o semestre, com o mesmo peso;
- Prova substitutiva, mediante apresentação de atestado médico ou B.O. pelo(a) aluno(a).
- Uma prova de recuperação após o encerramento do curso, abrangendo todo o seu conteúdo e disponível apenas aos alunos que alcançarem média final entre 3,0 e 4,9.

Programa

Módulo 1: Drama – Tragédia e Comédia

a) Tragédia grega: SÓFOCLES, *Édipo Rei* – Traduções:

VIEIRA, Trajano. (trad.) *Édipo Rei de Sófocles*, 2001. (FFLCH 882.2 S6641v).

FIALHO, Maria do Céu (trad.). *Sófocles. Rei Édipo*, 2006. (FFLCH 882.2 S664e).

GAMA CURY, Mário da (trad.). *Sófocles. A Trilogia Tebana. Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*, 2006. (FFLCH 882.2 S664t).

b) Comédia Latina: PLAUTO, *Anfitrião* – Traduções:

COSTA, Lilian Nunes da. “Tradução bilíngue do Anfitrião de Plauto”. In: *Mesclas genéricas na “tragicomédia” Anfitrião, de Plauto*, 2010.

(<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000769785&opt=4>)

FONSECA, Carlos Alberto L. (trad.). *Plauto. Anfitrião*, 1986. (FFLCH 872 P779an).

Módulo 2: Retórica

a) ARISTÓTELES, *Retórica* (I.1-3 e 10; III.13) - Tradução

ALEXANDRE JR., Manuel *et alii* (trad., notas). *Aristóteles. Retórica*, 1998, pp. 89-106 e 277-279. (FFLCH 185.1 A717oc v.8 t.2).

b) Retórica forense em Roma: CÍCERO, *Em defesa do poeta Arquias* – Tradução

GONÇALVES, M. I. R. (Trad.). *Cícero. Em defesa do poeta Arquias*.

Módulo 3: Historiografia

a) Grécia: Prefácios - HERÓDOTO, *Histórias da guerra contra os persas* I.1-5; TUCÍDIDES, *História da guerra do Peloponeso* I-XXIII;

b) Roma: Prefácio da *História de Roma* - TITO LÍVIO; *Vida de Nero* de SÜETÔNIO (biografia de As Vidas de Doze Césares).

Bibliografia de apoio

Módulo 1: Drama

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (FFLCH 108 P418 v.4)
- FERNANDES, R. M. R. (trad.). *Horácio. Arte poética*. Lisboa: Inquérito, 1984. (FFLCH 801.951 H773ap).
- CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. “Plauto”. In: *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 101-125.
- COSTA, Lilian Nunes da. *Mesclas genéricas na “tragicomédia” Anfitrião, de Plauto*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 2010.
- GOLDHILL, S. “A questão da tragédia”; “A mãe de todas as histórias – o Édipo grego”. In: *Amor, sexo & tragédia. Como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje*. Trad. Cláudio Bardella. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, pp. 199-209 e 267-275. (FFLCH 909.08 G618L).
- GRIMAL, Pierre. *O teatro antigo*. Lisboa: Edições 70, 2002. (FFLCH 880.9 G873t)
- _____. *Dicionário de Mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. (FFLCH R292.3 G873d).
- KNOX, B. “Herói”. In: *Édipo em Tebas*. Trad. M. Goldsztyrn. São Paulo: Perspectiva, 2002, pp. 1-42. (FFLCH 882.2 S664oe)
- PLAUTO. *Anfitrião*. Tradução e notas de Carlos Alberto L. Fonseca. 2ª edição. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1986. (FFLCH 872 P779an).
- ROMILLY, J. de. “Introdução”; “Cap. 1 – O gênero trágico”. In: *A tragédia grega*. Trad. Ivo Martinazzo. Brasília: Ed. UnB, 1998, pp. 7-12; 13-46. (FFLCH 792.0938 R673t)
- SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Trad. do grego e notas de Maria do Céu Zambujo Fialho. Lisboa: Edições 70, 2006. (FFLCH 882.2 S664e).
- SÓFOCLES. *Rei Édipo*. Intr., trad. do grego e notas de Flávio Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Odysseus, 2015.
- SÓFOCLES. *A Trilogia Tebana. Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona*. Trad. do grego, introdução e notas de Mário da Gama Cury. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. (FFLCH 882.2 S664t).
- VERNANT, J-P.. “O momento histórico da tragédia grega”, “Tensões e ambigüidades na tragédia grega”; Édipo sem complexo”, “Ambigüidade e reviravolta. Sobre a estrutura enigmática do *Édipo rei*”. In: _____; VIDAL-NAQUET, P. *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Perspectiva, 1999, pp. 1-5; 7-24; 53-71; 73-99. (FFLCH 292.08 V529m)
- VIEIRA, Trajano. *Édipo Rei de Sófocles*. São Paulo: Perspectiva, 2001. (FFLCH 882.2 S6641v).

Módulo 2: Retórica

- ARISTÓTELES. *Retórica*. Trad. e notas de Manuel Alexandre Jr. et alii. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998. (FFLCH 185.1 A717oc v.8 t.2).
- CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. “Cícero”. In: *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 263-310.
- REBOUL, O. “Origens da retórica na Grécia”; “Aristóteles, a retórica e a dialética”, “O sistema retórico”. In: *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1998, pp. 1-20; 21-42; 43-69. (FFLCH 801.8 R242i).
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de Retórica Literária*. 5. ed. Tradução, posfácio e aditamentos de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. (FFLCH 808 L421e).
- CÍCERO. *Em defesa do poeta Árquias*. Trad. de Maria Isabel Rebelo Gonçalves. 2ª ed. Lisboa: Editorial Inquérito, 1986.
- [CÍCERO] *Retórica a Herênio*. Trad. Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005. (FFLCH 875 R345).

Módulo 3: Historiografia

- ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973. [Cap. IX] (FFLCH 108 P418 v.4).
- CHIAPPETTA, A. ““Não diferem o historiador e o poeta ...’ o texto histórico como instrumento e objeto de trabalho”. *Língua e Literatura* 22, 1996, pp. 15-34.
- CITRONI, M.; CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI, E. “Tito Lívio” e “Suetônio”. In: *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006, pp. 622-641 e 971-982.
- HARTOG, F. *A história de Homero a Santo Agostinho*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001. (FFLCH 907.2 H673)
- TUCÍDIDES. *História da guerra do peloponeso, Livro I*. Trad. Anna Lia Amaral de Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (FFLCH 888 T824h v.1).
- HERÓDOTO. *Histórias, Livro I*. Intr., trad. e notas de J. R. Ferreira e M. de F. Silva; intr. Geral de M. H. da R. Pereira. Lisboa: Edições 70, 2002.

SUETÔNIO. *As Vidas dos Doze Césares*. Vol. 3: Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito, Domiciano. Trad., est. introdutório e notas de Adrian De Man. Lisboa: Edições Silabo, 2007.

_____. *A vida dos Doze Césares*. 4. ed. Tradução de Sady-Garibaldi, apresentação de Carlos Heitor Cony. São Paulo: Ediouro, 2002. (FFLCH 937 S944v).

TITO LÍVIO. *História de Roma. Ab Vrbe Condita Libri*. Introdução, tradução e notas de Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989 (v. I-II), 1990 (v. III-VI). 6 v. (FFLCH 870 T538h).

Sites:

<http://www.greciantiga.org/>

http://www.mariamilani.com/rome_maps/Roman_Empire_Maps.htm

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>

<http://www.thelatinlibrary.com/>

<http://www.fflch.usp.br/dlc/lc/>

<http://www.classica.org.br/>

<http://www.dlc.fflch.usp.br/node/565> (Apostila)

Youtube:

Um Deus dormiu lá em casa (Grupo Giz-en-Scène)

<http://www.youtube.com/watch?v=03XzRSMbIqQ>

<http://www.youtube.com/watch?v=TPPIHcfEzew&feature=relmfu>

<http://www.youtube.com/watch?v=KhhJRL7SBGQ&feature=relmfu>

<http://www.youtube.com/watch?v=Bvr0rflMeBQ&feature=relmfu>

<http://www.youtube.com/watch?v=7e12yMRgEow>

<http://www.youtube.com/watch?v=1LNpQuTH47M>

Literatura Fundamental 11 (Univesp TV) – *Édipo Rei* – Profa. Adriane Duarte – FFLCH /USP

<http://www.youtube.com/watch?v=03XzRSMbIqQ>

Diálogos sem fronteira (TV Unicamp) – Literatura e Mitologia Grega – Prof. Flávio Ribeiro de Oliveira

<http://www.youtube.com/watch?v=4vxgPMM-d2M>

II. Espécies de poesia imitativa, classificadas segundo o objeto da imitação (1448a, 1-16)

7. Mas, como os imitadores imitam **homens que praticam alguma ação**, e estes, necessariamente, são indivíduos de elevada ou baixa índole (porque a variedade dos caracteres só se encontra nestas diferenças (...)), necessariamente também sucederá que **os poetas imitam homens melhores ou piores (...) que nós**, como o fazem os pintores: Polignoto¹ representava os homens superiores; Páuson², inferiores (...). Ora, é claro que cada uma das imitações referidas contém estas mesmas diferenças, e que cada uma delas há de variar, na imitação de coisas diversas, desta maneira.

8. Porque tanto na dança como na aulética e na citarística pode haver tal diferença; e, assim, também nos gêneros poéticos que usam, como meio, a linguagem em prosa ou em verso [sem música]: Homero imitou homens superiores (...); Hegêmon de Taso³, o primeiro que escreveu paródias, e Nicócares, autor da *Delíada*⁴, imitaram homens inferiores. E a mesma diversidade se encontra nos ditirambos e nos nomos, como o mostram Arga, Timóteo e Filóxeno⁵, nos *Ciclopes*.

9. Pois a mesma diferença separa a tragédia da comédia; procura, esta, imitar os homens piores, e aquela, melhores do que eles originariamente são.

III. Espécies de poesia imitativa, classificadas segundo o modo da imitação: narrativa ou dramática (1448a, 19)

10. Há ainda uma terceira diferença entre as espécies [de poesias] imitativas, a qual consiste no **modo** como se efetua a imitação. Efetivamente, com os mesmos meios pode um poeta imitar os mesmos objetos, **quer na forma narrativa** (assumindo a personalidade de outros, como faz Homero, ou na própria pessoa, sem mudar nunca), **quer mediante todas as pessoas imitadas, operando e agindo elas mesmas**. Consiste pois a imitação nestas três diferenças, como ao princípio dissemos – a saber: segundo os meios, os objetos e o modo. Por isso, num sentido, é a imitação de Sófocles a mesma que a de Homero, porque ambos imitam pessoas de caráter elevado; e, noutro sentido, é a mesma que a de Aristófanes, pois ambos [Sófocles e Aristófanes] imitam pessoas que agem e obram diretamente.

11. Daí o sustentarem alguns que tais composições se denominam dramas, pelo fato de se imitarem agentes [dróntas]. (...)

Quadro-resumo⁶

MODO \ OBJETO	DRAMÁTICO	NARRATIVO
SUPERIOR	Tragédia	Epopéia
INFERIOR	Comédia	Paródia

IV. (...) História da poesia trágica e cômica (1449a, 15-22)

20. (...) Ésquilo foi o primeiro que elevou de um a dois o número dos atores, diminuiu a importância do coro e fez do diálogo protagonista. Sófocles introduziu três atores e a cenografia. Quanto à grandeza, tarde adquiriu [a tragédia] o seu alto estilo: [só quando se afastou] dos argumentos breves e da elocução grotesca, [isto é,] do elemento satírico. Quanto ao metro, substituiu o tetrâmetro [trocaico] pelo **trímetro [jâmbico]**. Com efeito, os poetas usaram primeiro o tetrâmetro porque as suas composições eram satíricas e mais afins à dança; mas, quando se desenvolveu o diálogo, o engenho natural logo encontrou o metro adequado; pois o jambo é o metro

¹ Pintor nascido em Taso e ativo em Atenas no século V a.C.

² Contemporâneo de Polignoto; provavelmente caricaturista e, portanto, comparável aos poetas cômicos.

³ Viveu em Atenas no século V.

⁴ Seria uma paródia da *Ilíada*.

⁵ Poetas mais ou menos contemporâneos de Aristóteles (séc. IV a.C.).

⁶ In. Genette, G. (*Introdução ao Arquitexto*. Trad. Cabral Martins. Lisboa: Vega, s/d. p. 30).

que mais se conforma ao ritmo natural da linguagem corrente: demonstra-o o fato de muitas vezes proferirmos jambos na conversação, e só raramente hexâmetros, quando nos elevamos acima do tom comum.

V. A comédia: evolução do gênero. Comparação da tragédia com a epopeia (1449a, 32; 1449b, 9)

22. A comédia é, como dissemos, imitação de homens inferiores; não, todavia, quanto a toda espécie de vícios, mas só quanto àquela parte do torpe que é o ridículo. O ridículo é apenas certo defeito, torpeza anódina e inocente; que bem o demonstra, por exemplo, a máscara cômica, que, sendo feia e disforme, não tem [expressão de] dor.

(...)

24. A epopeia e a tragédia concordam somente em serem, ambas, imitações de homens superiores, em verso; mas difere a epopeia da tragédia, pelo seu metro único e a forma narrativa. E também na extensão, porque a tragédia procura, o mais que é possível, caber dentro de um período do sol, ou pouco excedê-lo, porém a epopeia não tem limite de tempo – e nisso diferem, ainda que a tragédia, ao princípio, igualmente fosse ilimitada no tempo, como os poemas épicos.

VI. Definição da tragédia (1449b, 21-24)

26. Da imitação em hexâmetros e da comédia trataremos depois; agora vamos falar da tragédia, dando da sua essência a definição que resulta de quanto precedentemente dissemos.

27. É pois a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídos pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o “terror e a piedade, tem por efeito a purificação [catarse] dessas emoções”.

XII. Partes quantitativas da tragédia (1452b, 14-24)

65. (...) Mas, segundo a extensão e as ações em que pode ser repartida, as partes da tragédia são as seguintes: **prólogo, episódio, êxodo, coral, dividido, este, em párodo e estásimo**. Estas partes são comuns a todas as tragédias. (...)

66. Prólogo é uma parte completa da tragédia, que precede a entrada do coro; episódio é uma parte completa da tragédia entre dois corais; êxodo é uma parte completa, à qual não sucede canto do coro; entre os corais, o párodo é o primeiro, e o estásimo é um coral desprovido de anapestos e troqueus.

Partes quantitativas da tragédia (In: Martins, P. *Literatura Latina*. Curitiba: IESDE, 2009)

Prólogo

1.^a entrada do coro – párodo

1.^a parte dialogada – 1.^o episódio

2.^a entrada do coro – 1.^o estásimo

2.^a parte dialogada – 2.^o episódio

3.^a entrada do coro – 2.^o estásimo

3.^a parte dialogada – 3.^o episódio

4.^a entrada do coro – 3.^o estásimo

Êxodo

XIV. O trágico e o monstruoso (1453b, 1-15)

74. O terror e a piedade podem surgir por efeito do espetáculo cênico, mas também podem derivar da íntima conexão dos atos, e este é o procedimento preferível e o mais digno do poeta. Porque o mito deve ser composto de tal maneira que quem ouvir as coisas que vão acontecendo, ainda que nada veja, só pelos sucessos trema e se apiede, como experimentará quem ouça contar a história de Édipo. Querer reproduzir estas emoções unicamente pelo espetáculo é processo alheio à arte e que mais depende da coregia. (...)

76. Consideremos agora quais de entre os eventos do mito parecem de tremer, e quais os de se compadecer.

77. Ações deste gênero devem necessariamente desenrolar-se entre amigos, inimigos ou indiferentes. Se as coisas se passam entre inimigos, não há que compadecer-nos, nem pelas ações nem pelas intenções deles, a não ser pelo aspecto lutuoso dos acontecimentos; e assim, também, entre estranhos. Mas se as ações catastróficas sucederem entre amigos – como, por exemplo, o irmão que mata ou esteja em vias de matar o irmão, ou um filho o pai, ou a mãe um filho, ou um filho a mãe, ou quando aconteçam outras coisas que tais – eis os casos a discutir.

XVIII. Nó e desenlace (1455b, 24)

105. Em toda tragédia há o **nó** e o **desenlace**. O nó é constituído por todos os casos que estão fora da ação e muitas vezes por alguns que estão dentro da ação. O resto é o desenlace. Digo pois que o nó é toda a parte da tragédia desde o princípio até aquele lugar onde se dá o passo para a boa ou a má fortuna; e o desenlace, a parte que vai do início da mudança até o fim.

IX. Poesia e história (1451a, 36-1451b-10)

³⁶ 50. Pelas precedentes considerações se manifesta que não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderiam ser postos em verso as obras de Heródoto, e nem por isso deixariam de ser história, se fossem em verso o que eram em prosa) —
1451 b diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes às suas personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou o que lhe aconteceu.

Tragédia grega:

Ésquilo (ca. 525-ca 456 a.C.): *Os Persas, Os Sete contra Tebas, As Suplicantes, Agamêmnon, As Coéforas, As Eumênides, Prometeu Prisioneiro*.

Sófocles (497-405 a.C.): *Édipo Rei, Édipo em Colono, Antígona, Electra, As Traquínias, Ajax, Filoctetes*.

Eurípedes (ca. 485-406 a.C.): *Alceste, Medeia, Os Heráclidas, Hipólito, Andrômoca, Hécuba, As Suplicantes, Electra, As Troianas, Hércules, Ifigênia em Táuris, Helena, Íon, As Fenícias, Orestes, As Bacantes, Ifigênia em Áulis*.

Comédia grega:

Comédia Antiga (+- séc. V a.C.): Aristófanes (445-385 a.C.): *Os Acarnenses, Os Cavaleiros, As Nuvens, As Vespas, A Paz, As Aves, Lisístrata, As Tesmoforias, As Rãs, Assembleia de Mulheres, Pluto ou Riqueza*, Êupolis, Crátino.

Comédia Média (+- séc. IV a.C.): Aléxis, Anaxandrides, Antífanos, Eubulo, Timocles.

Comédia Nova (fim séc. IV-meados do III a.C.): Dífilo, Menandro (*Díscolo* ou *O Misanthropo, Arbitragem, A Mulher de Cabelos Cortados, Sâmia*), Filêmon, Filípides, Posidipo, Apolodoro.

Tragédia em Roma:

Fabula cothurnata: tragédias romanas de ambientação grega.

Fabula praetexta ou praetextata: tragédias romanas de ambientação romana.

Lívio Andronico (séc. III a.C.): *Aquiles, Egisto, Ajax com chicote (Ajax Mastigophorus), Hermíone, Andrômada, Dânae, Tereu, O cavaleiro troiano* (todas *cothurnatae*; somente os títulos e pouquíssimos fragmentos).

Névio (?-204/201 a.C.): *Romulo, Clastídio (praetextae*; pouquíssimos fragmentos), *O cavaleiro troiano, Dânae, A partida de Heitor, Ifigênia, Licurgo (cothurnatae*, com cinquenta fragmentos).

Ênio (239-169 a.C.): *Ambracia, Sabinae (praetextae*, alguns versos restantes), *Tiestes, Alexandre, Andrômada Prisioneira de Guerra (Andromacha Aechmalotis), Hécuba, Ifigênia, As Eumênides, O resgate de Heitor (Hectoris Lutra), Ajax* (e outros treze títulos de *cothurnatae*, havendo numerosos fragmentos).

Pacúvio (220-130 a.C.): *Antíope, O julgamento das armas, Crises, Orestes escravo (Dulorestes), Hermíona, Iliona, O banho, Teucro, Atalanta, O medo, Penteu, Peribeia (cothurnatae*, quase quatrocentos fragmentos, ao todo), *Paullus (praetexta*, somente quatro versos preservados).

Ácio (170-ca. 90/80 a.C.): *O julgamento das armas, Astíanax, Atreu, As Bacantes, A batalha nos barcos, Hécuba, Medeia, Melanipo, Os mirmidões, As Fenícias, Télefo, Tereu, As Troianas, Tebas* (e outras dezesseis *cothurnatae*, num total de cerca de setecentos fragmentos), *Brutus e Os Enéadas (praetextae*, somente fragmentos).

Vário Rufo (época de Augusto): *Tiestes* (perdido).

Ovídio (43 a.C.-17/18 d.C.): *Medeia* (perdida).

Sêneca (4/1 a.C.-65 d.C.): *Hércules Furioso, As Troianas, As Fenícias, Medeia, Fedra, Édipo, Agamêmnon, Tiestes, Hércules no Eta*.

Comédia em Roma:

Fabula palliata: comédias romanas de ambientação grega.

Fabula togata: comédias romanas de ambientação romana.

Lívio Andronico (séc. III a.C.): *A pequena espada (Gladiolus, uma palliata*; pouquíssimos fragmentos).

Névio (?-204/201 a.C.): *O bajulador (Colax), O professor de ginástica (Gymnasticus), O engano, A comédia das guirlandas (Corollaria), A pequena tarentina* (e outros vinte e três títulos; no total, não mais que oitenta fragmentos).

Ênio (239-169 a.C.): *A estalajadeira (Caupuncula) e O lutador (Pancratiastes)* (só pouquíssimos fragmentos).

Plauto (ca. 259-184 a.C.): *Estico (Stichus), A Comédia das Cestas (Cistellaria), O Persa (Persa), O soldado fanfarrão (Miles gloriosus), Os fantasmas (Mostellaria), A Comédia da Marmita (Aulularia), Os Menecmos (Menaechmi), O mercador (Mercator), Epídico (Epidicus), Anfitrião (Amphitruo), Os prisioneiros (Captiui), A comédia dos burros (Asinaria), O caruncho (Curculio), Trinummo (Trinummus), A corda (Rudens), As báquides (Bacchides), O pequeno cartaginês (Poenulus), O truculento (Truculentus), Psêdolo (Pseudulus), Cásina (Casina), Vidulária (Vidularia).*

Cecílio Estácio (ca. 230-168 a.C.): *O colar (Plocium)*, *O casamento (Gamos)*, *Os companheiros de juventude (Synephebi)*, *A carta (Epistula)*, *O usurário (Faenerator)* e outros trinta e cinco títulos, todos *palliatae*, restando cerca de trezentos versos fragmentários.

Lúcio Afrânio e Títúlio (séc. II a.C.): autores de *togatae* (só restam títulos e algumas centenas de versos).

Terêncio (185/184-159 a.C.): *A mulher de Andros (Andria)*, *A Sogra (Hecyra)*, *O que pune a si mesmo (Heautontimorumenos)*, *O Eunuco (Eunuchus)*, *Formião (Formio)*, *Os irmãos (Adelphoe)*.

Outras formas dramáticas em Roma:

- Atelana (*Fabula Atellana*): Lúcio Pompônio e Nívio (primeira metade do século I a.C.).

- Mimo (*mimus*): Décimo Labério (106-43 a.C.), e Publílio Siro (época de César).

Resumo da poesia dramática em Roma

	ambientação grega	ambientação romana
Tragédia	<i>cothurnata</i>	<i>praetexta</i>
Comédia	<i>palliata</i>	<i>togata</i>

vv. 73-92

Em que metro se podem descrever os feitos dos reis,
dos chefes, as tristes guerras, já o demonstrou Homero.
O lamento, em tempo antigo, exprimia-se em versos desiguais que foram unidos: 75
depois, nele se incluiu a satisfação de promessas atendidas.
Sobre quem, no entanto, pela primeira vez criou as singelas elegias,
discutem os gramáticos e ainda o litígio está em tribunal.
Foi a raiva quem armou Arquíloco do jambo que a este é próprio:
depois, a tal pé, adaptaram-se os socos e os grandes coturnos 80
por mais apropriados para o diálogo, capaz de anular o ruído
da assistência, visto ser criado para a ação.
A Musa concedeu à lira o cantar deuses e filhos de deuses;
o vencedor no pugilato e o cavalo que, primeiro, cortou a meta nas corridas;
os cuidados dos jovens e o vinho que liberta dos cuidados. 85
Se não posso nem sei observar as funções prescritas e os tons característicos
dos diversos gêneros, por que hei de ser saudado como poeta?
Qual a razão por que prefiro, com falso pudor, desconhecer-los a aprendê-los?
Mesmo a comédia não quer os seus assuntos expostos em versos de tragédia
e igualmente a ceia de Tiestes não se enquadra na narração 90
em metro vulgar, mais próprio dos socos da comédia.
Que cada gênero, bem distribuído ocupe o lugar que lhe compete.

vv. 120-136

Segue, ó escritor, a tradição ou imagina caracteres bem apropriados: 120
se acaso repuseres em cena o glorioso Aquiles,
fá-lo ativo, colérico, inexorável e rude, que não admita terem sido criadas
leis também para ele e nada faça que não confie à força das armas.
Que Medeia seja feroz e indomável, Ino chorosa,
Ixion pérfido, Io errante e Orestes triste. 125
Mas se algo de original quiseses introduzir, ousando
conceber em cena nova personagem, então que ela seja conversada até o fim
como foi descrita de início e que seja coerente.
É difícil dizer com propriedade o que não pertence à tradição:
melhor farás se o carne de Ílion em atos trasladares 130
em vez de proferires, pela primeira vez, fatos inéditos e desconhecidos.
Matéria a todos pertencente será tua legítima pertença, se
não ficares a andar à volta no caminho trivial, aberto a todos,
e tampouco procurarás, como servil intérprete, traduzir palavra
por palavra, nem entrarás, como imitador, em quadro muito estreito 135
de onde te impedirão de sair a timidez e a economia da obra.

vv. 153-201

Tu atende ao que eu, e o público comigo, desejamos,
se quiseses que sentados esperemos o levantar do pano,
até que o ator nos peça os aplausos. 155
Deves fazer ressaltar os caracteres de cada idade,
e não deve faltar propriedade às naturezas, que com os anos variam.
O menino, que já sabe articular palavras e o chão bate com passo certo,
exulta por brincar com seus iguais e as cóleras
que vai tendo, logo as esquece, mudando de hora a hora. 160

O jovem, imberbe ainda, já liberto do pedagogo, gosta de cavalos e de cães e dos exercícios soalheiros na relva do Campo Márcio. Mas ao vício se molda como a cera e responde asperamente aos que aconselham, não pensa senão tarde no que é útil; pródigo no dinheiro, ativo e ambicioso, larga rápido o que ainda há pouco amou. 165

Mudados os seus hábitos, quando a idade e espírito viris o caracterizam, já procura riquezas e amizades, servil, à carreira das honras se submete; foge a comprometer-se para não ter de sofrer depois ao remediar os erros. Muitas agruras rodeiam o velho, ou porque, 170

depois de procurar, miseravelmente se abstém e hesita em fazer uso do que encontrou, ou porque tudo realiza com temor e frieza, atrasando com sua esperança a longo prazo, inerte e ávido do futuro, de caráter descontente, lamuriendo, louvador dos tempos passados, de quando era menino, castiga e censura os que são mais novos. Muitas desvantagens traz consigo o mudar dos anos, 175

mas muitas outras o declinar leva consigo: não deve, pois, o papel do velho ser confiado ao jovem, nem o de homem ao rapaz. Que sempre os autores se atenham às qualidades e atributos de cada idade. Há ações que se representam no palco, outras, só se relatam depois de cometidas. O que se transmitir pelo ouvido, comove mais debilmente os espíritos 180

do que aquelas coisas que são oferecidas aos olhos, testemunhas fiéis, e as quais o espectador apreende por si próprio. Não faça, no entanto, representar na cena o que devia passar-se nos bastidores, retira muitas coisas da vista, essas que melhor descreve a facúndia de uma testemunha. Que Medeia não truçide os filhos diante do público, 185

nem o nefando Atreu cozinhe publicamente entranhas humanas; tampouco em ave Procne se transforme ou Cadmo em serpente. Detestarei tudo o que assim me mostrares, porque ficarei incrédulo. Que a peça nunca tenha mais do que cinco atos nem menos do que esse número, se acaso desejar que voltem a pedi-la e tornar à cena depois de estreada. 190

Que na peça não intervenha um deus, a não ser que o desenlace seja digno de um vingador; nem tampouco se canse um quarto ator a falar na mesma cena. Que o coro defenda a sua individualidade recitando o seu papel como um ator, e não cante, no meio dos atos, 195

o que não se relacionar nem se adaptar intimamente ao argumento. Que ele seja propício aos bons e, com palavras amigas, os aconselhe, aos irados insuflando calma e aos que temem pecar, concedendo amor. Que louve as iguarias da mesa frugal e assim também a justiça saneadora e as leis, tal como a paz que se goza de porta aberta. Que não revele os segredos confiados e peça aos deuses e lhes suplique 200

que a Fortuna volte aos desgraçados e abandone os soberbos.

vv. 251-288

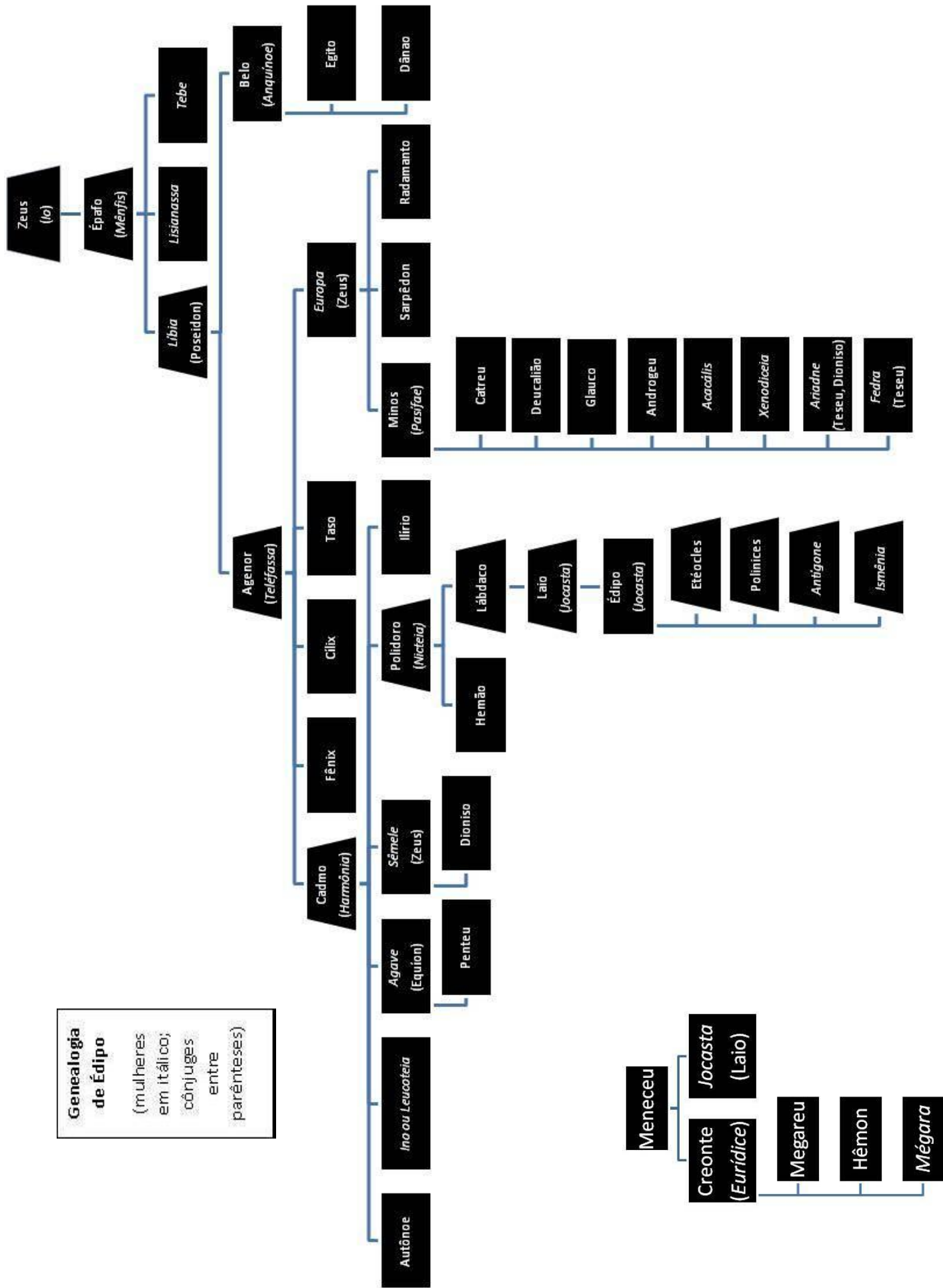
Sílaba longa que se segue a uma breve forma o que se chama de jambo, pé veloz; daí, o ter este mandado acrescentar a seus metros jâmbicos o nome de trímetro, embora batesse seis vezes o compasso, e fosse sempre igual do primeiro ao último. Não ficou muito tempo nesse estado, pois querendo apresentar-se mais lento e um pouco mais solene 255

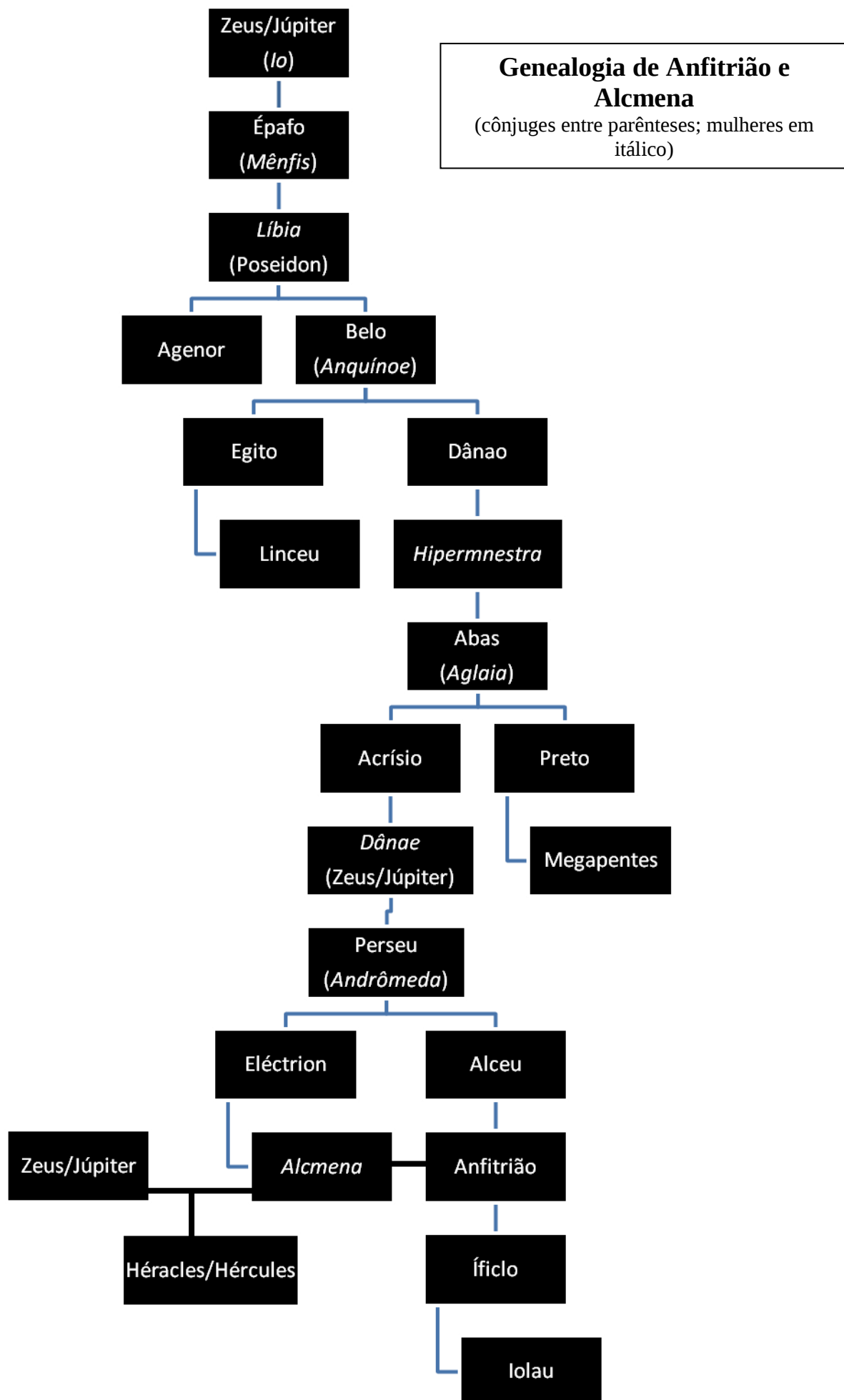
a quem escutava, foi, paciente e adaptável, perfilhar o pesado espondeu, sem que, porém, sociável em demasia, abdicasse do segundo e quarto lugares. Este jambo, contudo, raro aparece nos nobres trímetros de Ácio e acusa os versos de Ênio, lançados com grande peso para cena, 260

de serem obra rápida, à qual falta cuidado,

de serem a torpe falta de quem desconhece a arte.
 Não é qualquer crítico que vê serem os poemas desarmônicos;
 eis a razão por que a estes poetas romanos foi concedida indigna aprovação.
 Mas só por isso devo eu andar sem norte e escrever sem regra? 265
 Ou, por julgar que todos em meus erros vão atentar, devo, por cautela, manter-me
 atrás da esperança de uma segura aprovação? Evitei, finalmente, possível erro,
 mas louvores não mereci. Quanto a vós, compulsai de dia e
 compulsai de noite os exemplares gregos.
 Mas os vossos avós louvaram os versos de Plauto 270
 e o seu espírito, admirando-os com muita indulgência,
 para não dizer com muita ignorância, se é que hoje eu e vós
 sabemos distinguir a frase bela da grosseira
 e com dedos e ouvido sabemos conhecer, por experiência, o som bem afinado.
 Diz-se que Téspis descobriu o gênero desconhecido da Camena trágica 275
 e transportou, em carros, as duas peças que os atores cantavam
 e representavam de caras besuntadas com o mosto da uva.
 Depois veio Ésquilo, o inventor da máscara e da solene veste da tragédia,
 que instalou o palco sobre postes pouco elevados,
 ensinando a falar com grande eloquência e a sobressair sobre o coturno. 280
 A estes sucedeu a comédia antiga e foi recebida não sem vivo
 aplauso; mas a liberdade degenerou em vício e em abuso
 que teve de ser reprimido pela lei. Depois de aceite a lei,
 calou-se o coro, para sua vergonha, porque se lhe tirara o direito de injuriar.
 Os nosso poetas nada deixaram que não experimentassem, 285
 nem foi pequeno o louvor que mereceram os que,
 ousando abandonar o grego trilho, celebraram os pátrios feitos, ora criando
 as fábulas pretextas ora as togatas.

Genealogia de Édipo
(mulheres em itálico; cônjuges entre parênteses)





T. MACCI PLAVTI AMPHITRVO

PERSONAE

MERCVRIVS DEVS

SOSIA SERVVS

IUPPITER DEVS

ALCMENA MATRONA

AMPHITRVO DVX

BLEPHARO GVBERNATOR

BROMIA ANCILLA

ARGVMENTVM I

In faciem uersus Amphitruonis Iuppiter,
Dum bellum gereret cum Telobois hostibus,
Alcmenam uxorem cepit usurariam.
Mercurius formam Sosiae serui gerit
Absentis: his Alcmena decipitur dolis.
Postquam rediere ueri Amphitruo et Sosia,
Vterque deluduntur [dolis] in mirum modum.
Hinc iurgium, tumultus uxori et uiro,
Donec cum tonitru uoce missa ex aethere
Adulterum se Iuppiter confessus est.

Nome	Data (a.C.)	Enredo
<i>Stichus – Estico</i>	200	A comicidade de <i>Estico</i> está focalizada na construção do parasita Gelásimo. Dois irmãos regressam para junto de suas esposas depois de uma longa ausência.
<i>Cistellaria – O Cofre</i>	199	Conhecida como <i>Comédia da Cesta ou O Cofre</i> , reconstrói a situação de Alcesimarco, que se vê obrigado a se casar com uma moça a quem não ama.
<i>Persa – O Persa</i>	197	É, antes de qualquer coisa, uma típica comédia de intriga. É digno, porém, de nota, que sua trama está centrada em uma estória de amor entre escravos que apresenta ainda a atuação de uma donzela (<i>uirgo</i>).
<i>Miles Gloriosus – O Soldado Fanfarrão</i>	197	O foco principal desta comédia é a construção da personagem do soldado fanfarrão, que sequestra uma moça, Filocomásia. Seu namorado, contudo, com ajuda do escravo Palestrião, consegue encontrá-la.
<i>Mostellaria – Os Fantasma</i>	197	<i>Os Fantasma</i> é, talvez, a peça mais alegre de Plauto e sua personagem principal, o escravo astuto, Tranião, faz mover as intrigas e as complicações de seu enredo.
<i>Aulularia – A Marmita</i>	195	Euclião recebeu uma grande fortuna de seu avô e seu pai. Contudo, vive um drama, pois tem pânico de perdê-la. É a típica comédia de caracteres.
<i>Menaechmi – Os Menecmenos</i>	195	Dois gêmeos, ambos chamados Menecmo, são separados ao nascer e depois de um certo tempo encontram-se na mesma cidade sem saber um do outro.
<i>Mercator – O Mercador</i>	195	O jovem Carino e seu pai Demifião têm a mesma paixão: Pasicompsa. Por medo de sua esposa, Demifião entrega a menina ao seu vizinho Lisímaco, cuja esposa está no campo, entretanto ela volta do campo e acha que a menina é um “caso” seu. Daí nasce a trama.
<i>Epidicus – Epídico</i>	195	Epídico é uma complicada comédia de intrigas cujo protagonista é o astuto escravo Epídico. Ele resgata a bela citarista Acropolístis para Estratipocles, enganando o pai deste, fazendo-o crer que seja a sua própria filha (do escravo). Mas o rapaz volta da guerra acompanhado por outra e daí a trama se desenvolve.
<i>Amphitruo – Anfítrio</i>	194	Júpiter transforma-se em Anfítrio para manter relações com a esposa deste, Alcmena. De acordo com o prólogo da Comédia, ela é uma tragicomédia.
<i>Captivi – Os Prisoneiros</i>	194	O velho Hegião teve seu filho raptado. Para que o tenha de volta, compra dois escravos para realizar a troca. Entretanto, um deles é também seu filho que quando criança também fora raptado por piratas.
<i>Asinaria – Os Burros</i>	194	Argiripo quer casar com Filênia, entretanto a mãe dela exige um dote que ele não consegue pagar. Assim, a fim de consegui-lo faz um conluio com os escravos do pai e vende um burro que pertence a seu pai. Curiosamente esse também deseja a moça.
<i>Curculio – O Gorgulho</i>	193	Em termos gerais, o argumento de <i>Gorgulho</i> é o mesmo de <i>Cistellaria</i> : uma dupla de enamorados que a princípio não conseguem ficar juntos.
<i>Trinummus – O Trimuno</i>	192	É um drama familiar com colorido de fundo moralizante. Lesbônico leva uma vida desordenada até o regresso de seu pai.
<i>Rudens – A Corda</i>	192	Um naufrágio lança sobre a costa africana, próxima de Cirene, o proxeneta Lábrax e as duas meninas Palestra e Ampelisca. A tentativa de fuga das duas com ajuda de um homem de bem pauta essa comédia de ação.
<i>Bacchides – As Bacanas</i>	189	Como uma comédia de intriga, pais e filhos convertem-se no curso da trama em rivais amorosos. Sua estrutura é dobrada, pois temos de um lado, dois jovens e dois escravos; de outro, dois pais e duas cortesãs, provocando simultaneamente inversões, trocas e confusões. É entorno dessas dubiedades advindas da construção dos caracteres é que surgem os erros, ponto central dessa comédia.
<i>Poenulus – O Cartaginês</i>	189	Uma menina e sua irmã estão presas na casa de um rufião e devem ser salvas antes que se tornem prostitutas.
<i>Truculentus</i>	189	A comédia gira em torno da personagem da ávida cortesã Fronésia que com baixas maquinações desposa a três amantes ao mesmo tempo.
<i>Pseudolus – Psêdulo</i>	181	O escravo Psêdulo se distingue pela sua loquacidade e completa ausência de vergonha e é o responsável por libertar de um gigolô a jovem amada pelo jovem Calidoro.
<i>Casina - Casina</i>	180	Comédia de intriga, essa peça retrata uma circunstância em que pai e filho estão apaixonados pela mesma escrava, Cásina.

- a) *Ândria* (166 a.C.) – Pânfilo ama Glicéria, que está grávida de um filho seu. O pai dele o prometeu a outra mulher, filha de Cremes, que exigia um rápido casamento que, entretanto, não se concretiza. Trata-se de uma comédia que apresenta conflito entre pai e filho, engano e auto-engano. Deriva de comédia homônima de Menandro, contaminada com cenas de *Perinthia* do mesmo autor.
- b) *Hécira* (sogra em grego) (165) – Pânfilo deixa virgem sua jovem esposa, Filumena, porque ama a cortesã Taís. Quando ele está em viagem, Filumena retorna a casa de seus pais, segundo a opinião das pessoas, por causa das maldades da sogra, mas na realidade é para ter um filho de um desconhecido com quem se relacionou antes de se casar. Homônima da comédia de Apolodoro de Caristo.
- c) *Heautontimoroumenos* (163) (*O que se pune a si próprio* – em grego) – O velho Menedemo culpa-se, pois obrigou seu filho, Clínia, a alistar-se no exército. Clínia e seu pai amam a mesma mulher. Clínia, depois de seu regresso secreto, se hospeda na casa de seu amigo Clitifão, que está apaixonado pela cortesã Báquis que não é aceita pelo pai do rapaz. A trama se desenrola a partir do fato de a amada de Clitifão, Báquis, hospedar-se na casa dele como namorada de Clínia e verdadeira amada de Clínia como sua serva de Báquis. É uma comédia de caracteres com conflito de gerações e, ao mesmo tempo, uma comédia de intriga com reconhecimento. Homônima de Menandro sem contaminações (*contaminatio*) ao que parece.
- d) *O Eunuco* (161) – O soldado Trasão ganhou uma escrava cortesã de nome Taís. Fédria, o outro amante de Taís, encarrega o escravo Pármenon que lhe entregue um presente, um eunuco. O irmão de Fédria, que é apaixonado pela irmã de Taís, se disfarça de eunuco e, desta forma, a violenta. É uma eficaz comédia de intriga e reconhecimento. Homônima de Menandro com contaminações de cenas do *Colax* do mesmo autor.
- e) *Fórmio* (161) – Antifão e Fédria são filhos de Demifão e de Cremes respectivamente. O primeiro, Antifão, se casa com uma menina de Lemnos; O segundo, Fédria, se apaixona por uma citarista. O embusteiro e parasita Fórmio promete ao pai de Antifão, Demifão, que, por uma soma em dinheiro, conseguirá a menina de Lemnos para ele, Demifão. Ela, entretanto, se casara com o seu próprio filho sem que ele soubesse. Num determinado momento, descobre-se que a menina de Lemnos é filha legítima de Cremes e o dinheiro recebido por Fórmio é usado para resgatar a citarista. Daí para frente os erros se sucedem. É um exemplo clássico de uma comédia de erros, entretanto conduzida de maneira clara.
- f) *Os Adelfos* (*Os irmãos*) (160) – Ctesifão e Esquino são irmãos, contudo não foram criados ambos pelo próprio pai, Dêmea. Seu irmão Micião criou Esquino. Essa duplicidade de criação implica que Ctesifão tenha recebido uma educação muito severa, enquanto Esquino tenha usufruído de toda a liberdade. O primeiro, Ctesifão, ama uma citarista. O segundo seduziu uma jovem. Por amor ao irmão, Esquino possui à força a citarista e com isso, acaba se prejudicando em relação ao seu próprio amor, Pânfila, filha de Sóstrata. Daí a trama se desenrola.

XXI.1 (“prefácio” da terceira década) (trad. de Paulo Matos Peixoto)

Ao encetar esta parte da minha obra, seja-me permitido dizer o que a grande maioria dos historiadores coloca ao começar suas obras: que passo a narrar a mais memorável de todas as guerras jamais acontecidas, a que, sob o comando de Aníbal, os cartagineses moveram ao povo romano. Com efeito, nunca se viram tamanhos recursos entre dois Estados, duas raças beligerantes; nem, no meio desses próprios Estados, tanta energia e capacidade de resistência. E eles se mediam já não ignorando sua potencialidade militar, mas após tê-la posto à prova na primeira guerra púnica. Finalmente, houve tanta flutuação na fortuna da guerra e no favor de Marte, deus de duas caras, que o adversário aparentemente mais perto do desastre foi o que acabou por vencer.

Durante a luta, os ódios superaram até mesmo as forças em conflito, os romanos se indignando com o fato de vencidos se insurgirem contra os vencedores, e os cartagineses por considerarem soberbas e cúpidas as condições a eles impostas. Conta-se mesmo que Aníbal, então com cerca de nove anos, acariciando qual criança seu pai Amílcar a fim de que o levasse para a Espanha – no momento em que, terminada a guerra da África, preparava-se para conduzir até lá seu exército –, o pai o levou até o altar onde sacrificava, fê-lo estender a mão sobre a vítima e jurar que, tão logo o pudesse, seria inimigo do povo romano. O que mais atormentava Amílcar, homem de extrema avidez, era a perda da Sicília e da Sardenha. A seu ver, fora precipitada a evacuação da Sicília; quanto à Sardenha, tinham-na empalmado deslealmente os romanos durante as sublevações da África, chegando mesmo a impor um tributo suplementar aos cartagineses.

I. 57.6-58 (Morte de Lucrecia) (Trad. Ariovaldo Augusto Peterlini)

Estando estes a beber, ocasionalmente, em casa de Sexto Tarquínio, onde também ceava Tarquínio Colatino, filho de Egério, aconteceu de cair a conversa sobre as esposas. Louvava cada um a sua a mil maneiras. Acesa a partir daí uma contenda, Colatino nega que haja necessidade de palavras: em poucas horas se poderá saber o quanto a sua Lucrecia leva vantagem às demais. “Por que, já que estamos no vigor da juventude, não montamos a cavalo e vamos pessoalmente ver as prendas das nossas esposas? Que cada um creia apenas naquilo que lhe ocorrer diante dos olhos, à chegada inesperada do marido.” Tinham-se afogueado com o vinho. “Vamos, pois!”, gritam todos. Incitados os cavalos, voam para Roma. Aí chegados, quando as trevas começavam a estender-se, continuam daí para Colácia, onde encontram Lucrecia, não como tinham encontrado as noras do rei, que viram em suntuoso banquete, passando o tempo com as amigas, mas sentada no meio da casa entre vigilantes criadas, trabalhando a lã por noite alta.

Coube a Lucrecia a vitória da aposta sobre as mulheres. Foram acolhidos com afeição o esposo que chegava e os Tarquínios. O marido vencedor convida amistosamente os jovens príncipes. Foi então que o desejo perverso de estuprar Lucrecia à força tomou conta de Sexto Tarquínio. Excitam-no assim a beleza como a reconhecida respeitabilidade. Por fim, após uma noite consagrada a divertimentos juvenis, retornam ao acampamento.

Passados poucos dias, Sexto Tarquínio, sem que o soubesse Colatino, veio com um só companheiro a Colácia. Recebido aí cordialmente pelos que lhe desconheciam a intenção, após o jantar, tendo sido conduzido ao quarto de hóspedes, ardendo em paixão, depois que tudo parecia bem seguro e que todos estavam adormecidos, desembainhada a espada, veio até Lucrecia, que dormia, e, oprimindo o peito da mulher com a mão esquerda, disse: “Silêncio, Lucrecia; sou Sexto Tarquínio. Tenho a espada na mão; morrerás, se deres um pio.”

Como, atordoada do sono, Lucrecia não visse, a um passo da morte, qualquer socorro, começou então Tarquínio a confessar-lhe seu amor, a pedir, a misturar ameaças aos rogos, a revirar para todos os lados esse coração de mulher. Vendo-a obstinada e que nem sequer pelo medo da morte se dobrava, juntou ao medo a desonra: disse que ao lado dela morta haveria de pôr um escravo nu, degolado, para que se dissesse que fora morta em sórdido adultério.

Tendo, por esse terror, a lascívia vergonhosa vencido a honra indomável e partido daí Tarquínio, orgulhoso com a conquista da honra de uma mulher, Lucrecia, acabrunhada de tamanha desgraça, envia o mesmo mensageiro ao pai, em Roma, e ao marido, em Árdea, para que venham cada um com um amigo de confiança; assim era necessário e urgente; uma coisa terrível tinha acontecido. Veio Espúrio Lucrécio com Públio Valério, filho de

Volésio, e Colatino com Lúcio Júnio Bruto, com quem se encontrara por acaso, ao voltar para Roma em razão do recado.

Encontraram Lucrecia sentada, pesarosa, no quarto. À chegada dos seus, brotaram-lhe as lágrimas e ao marido que lhe perguntava: “Está tudo bem?”, “De forma alguma”, respondeu, “que pode, em verdade, existir de bom para uma mulher que perde a honra? Há no teu leito, Colatino, vestígios de outro homem; mas apenas o corpo foi violado, meu coração está sem mácula. A morte será testemunha. Dai-vos as mãos direitas e fazei o juramento de que haverá uma punição para o adúltero. É Sexto Tarquínio que, inimigo, fazendo-se passar por hóspede, na noite passada, à mão armada, tirou daqui um prazer funesto para mim e para ele, se é que vós sois homens.”

Um a um, todos dão sua palavra de honra; consolam a infeliz, desviando dela a culpa, coagida que fora, para o autor do crime: é a alma que peca, não o corpo, e de onde estiver ausente a intenção estará ausente a culpa.

“Vós”, diz ela, “cuidareis do que é devido: eu, embora me absolva da culpa, não me desobrigo da pena; nem, depois de mim, nenhuma mulher desonrada viverá com o exemplo de Lucrecia”. O punhal que trazia escondido sob a veste, afundou-o no coração e, inclinada sobre a ferida, caiu moribunda. Prorromperam em altos gritos o marido e o pai.

SUETÔNIO – AS VIDAS DE DOZE CÉSARES (DE VITA XII CAESARUM)

Suetônio, *De Vita XII Caesarum*, Augusto, 9 (Narrativa per species) (trad. Robson T. Cesila)

“Proposita uitae eius uelut summa, partes sigilatim, neque per tempora, sed per species, exsequar, quo distinctius demonstrari cognoscique possint.”

“Feito esse como que resumo de sua vida, exporei agora, separadamente, seus atos, não seguindo a ordem cronológica, mas de acordo com o assunto, para que possam ser mais claramente demonstrados e conhecidos.”

Suetônio, *De Vita XII Caesarum*, Nero, 1 (Antepassados) (trad. Robson T. Cesila)

“Pluris e familia cognosci referre arbitror, quo facilius appareat ita degenerasse a suorum uirtutibus Nero, ut tamen uitia cuiusque quasi tradita et ingenita rettulerit.”

“Julgo ser relevante conhecer um maior número de pessoas desta família, pois assim será mais fácil mostrar que Nero, embora não tenha herdado as virtudes de seus predecessores, reproduziu em si os vícios de cada um deles, como se fossem transmitidos naturalmente.”

Suetônio, *De Vita XII Caesarum*, Nero, 14 (pouco espaço dedicado à política e à atividade militar)

“Exerceu quatro consulados⁷: o primeiro de dois meses, o segundo e o último de seis, e o terceiro de quatro meses. Entre o segundo e o terceiro consulados não houve intervalos, enquanto que o primeiro e o último separaram-se dos dois do meio por intervalos de um ano”. (trad. Robson T. Cesila)

Suetônio, *De Vita XII Caesarum*, Nero, 18

“Nunca foi movido pelo desejo ou pela esperança de aumentar e propagar os limites do Império; pensou até em retirar as tropas da Bretanha, e só não o fez porque teve receio de que parecesse estar depreciando a glória de seu pai. Somente com a permissão de Pólemo⁸ é que reduziu o reino do Ponto à condição de

⁷ Em 55, 57, 58 e 60 d.C.

⁸ Rei do Ponto, reino que existia ao norte da Ásia Menor, na costa sul do Mar Negro.

provincia romana, fazendo o mesmo com o reino dos Alpes, após a morte de Cótio⁹.” (trad. Robson T. Cesila)

Suetônio, *De Vita XII Caesarum*, Nero, 49 (A morte de Nero) (trad. Robson T. Cesila)

“Depois, como todos insistissem, a todo momento, para que ele se livrasse o quanto antes das desgraças que estavam prestes a lhe acontecer, mandou construir, na sua presença, uma cova com as medidas de seu corpo; ordenou ainda que a enfeitassem com pedaços de mármore, se por ali pudessem ser encontrados, e que trouxessem água e lenha para, em breve, lavarem seu cadáver; chorava a cada atitude que tomava a repetia a todo momento: “Que artista morre comigo!” Nesse meio tempo, tomou uma mensagem que acabava de ser trazida a Faonte por um cursor e leu que ele, Nero, tinha sido declarado inimigo público pelo Senado, e que estava sendo procurado para ser punido de acordo com o costume dos antigos; perguntou, então como era esse tipo de castigo, e, como fosse informado de que consistia em meter o pescoço do indivíduo inteiramente numa forquilha, e em retalhar seu corpo com um chicote até matá-lo, ficou apavorado, apanhou dois punhais que tinha trazido consigo e, depois de testar as pontas de cada um deles, guardou-os novamente, alegando que a sua hora fatal ainda não havia chegado. Às vezes induzia Esporo a começar a se lamentar e a chorar, outras vezes pedia que alguém se matasse para, com seu exemplo, o ajudar a se dar a morte; de vez em quando, increpava sua própria covardia com estas palavras: “Levo uma vida vergonhosa, indecente. Ela é indigna de Nero, sim, indigna. É preciso ter sangue frio nestes momentos. Vamos, anima-te!” Já então se aproximavam cavaleiros, aos quais tinha sido ordenado que o levassem vivo. Quando soube disso, falou, trêmulo: “Ouço as batidas dos cascos velozes de animosos corcéis”, e cravou o ferro na garganta, ajudado por seu secretário Epafrodito. Dava ainda sinais de vida quando um centurião entrou precipitadamente e, fingindo ter vindo em seu auxílio, colocou um casaco sobre seu ferimento; Nero nada lhe falou, a não ser isso: “Tarde demais!” e “Isto é que é lealdade!”. Depois de dizer estas palavras, deu seu último suspiro, com os olhos esbugalhados e fixos de forma a causar horror e medo nos que o viam. O primeiro e mais insistente pedido que tinha feito aos seus companheiros fora o de não deixarem que ninguém se apossasse de sua cabeça; ao contrário, deviam queimar inteiramente o seu corpo, independentemente do modo utilizado. Permitiu isso Icelo, liberto de Galba, que pouco antes tinha se livrado da prisão a que fora lançado no início da sublevação.”

***De Vita XII Caesarum* de Suetônio – composição**

I – *Diuus Iulius* (Júlio César, 48-44 a.C.)

II – *Diuus Augustus* (Otávio Augusto, 27a.C.-14 d.C.)

III – *Tiberius* (Tibério, 14-37 d.C.)

IV – *Caligula* (Calígula, 37-41 d.C.)

V – *Diuus Claudius* (Cláudio, 41-54 d.C.)

VI – *Nero* (Nero, 54-68 d.C.)

VII – *Galba, Otho, Vitellius* (Galba, 68-69 d.C.; Óton, 69; Vitélio, 69 d.C.)

VIII – *Diuus Vespasianus, Diuus Titus, Domitianus* (Vespasiano, 69-79 d.C.; Tito, 79-81 d.C.; Domiciano, 81-96 d.C.).

⁹ Marcos Júlio Cótio, governante de um reino conhecido como os Alpes Cóticos, que separava a Gália e a Itália.

Vita Neronis (“A vida de Nero”) – resumo dos parágrafos

I – V: fala-se dos antepassados de Nero.

VI – VII: Nascimento e infância.

VIII - Morte de Cláudio e aclamação de Nero como imperador.

IX - Demonstração de sua piedade filial.

X - Demonstrações de liberalidade e clemência da parte de Nero.

XI – XII: Jogos promovidos pelo imperador.

XIII - A recepção promovida por Nero, em Roma, para Tiridates, rei da Armênia.

XIV - Relação dos consulados exercidos por Nero.

XV – XVII: Leis e regras da administração interna.

XVIII – XIX: A política externa.

XX – XXV: A paixão de Nero pela arte e pelas competições esportivas.

XXVI - XVII: A petulância de Nero (*petulantia*).

XXVIII - XXIX: Seu desregramento sexual e sua luxúria (*libido*).

XXX - XXXI: O gosto do imperador pelo esbanjamento e o desperdício (*luxuria*).

XXXII - A avareza e cobiça de Nero (*avaritia*).

XXXIII - XXXVII : A crueldade (*crudelitas*) do imperador

XXXVIII - Relato do incêndio de Roma.

XXXIX - Desastres naturais ocorridas no Império na mesma época.

XL - XLVI: A decadência de Nero

XLVII - XLIX: Fuga e morte de Nero

L – Seu funeral

LI – LII: Descrição física e intelectual do imperador

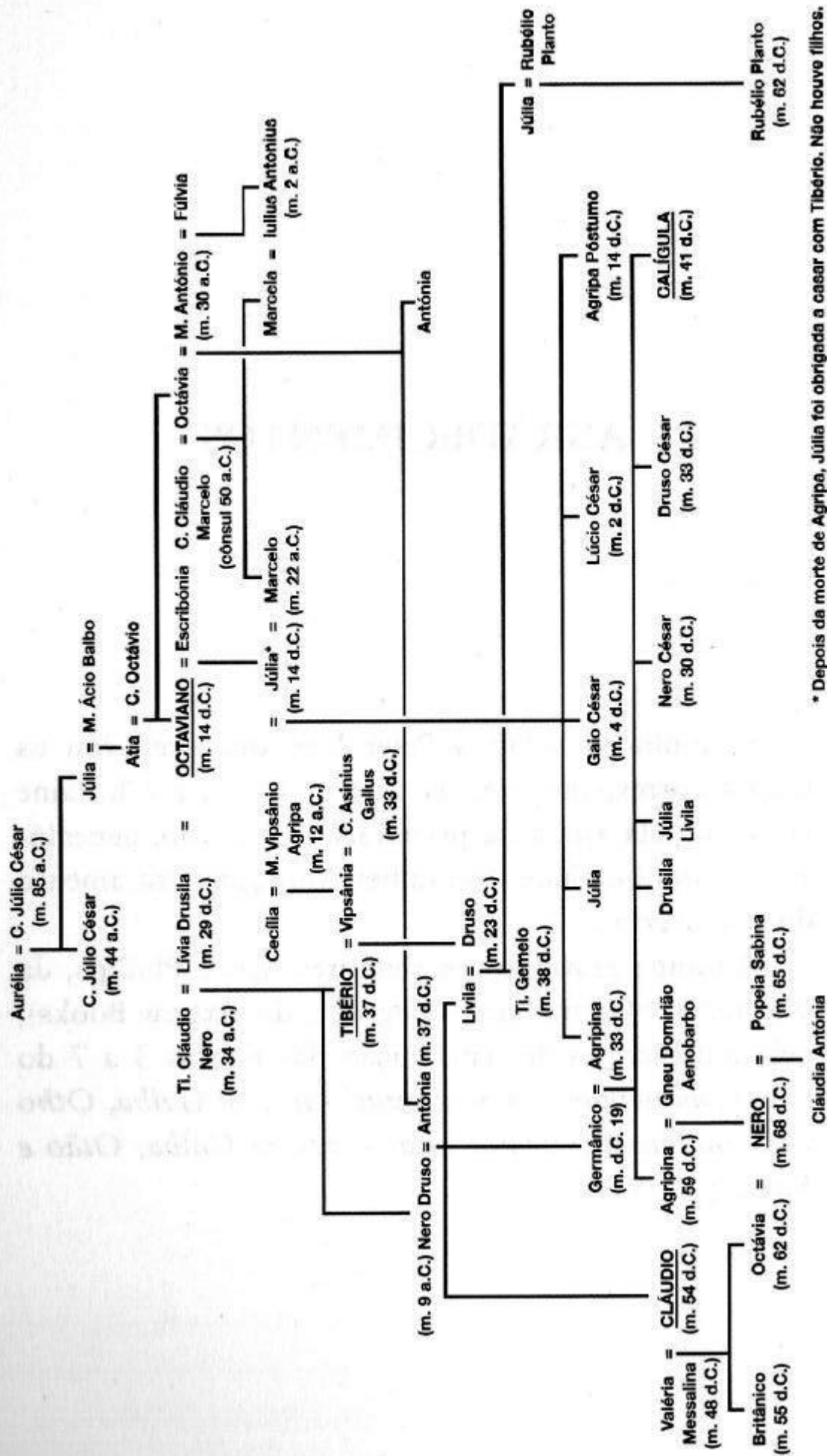
LIII - Sua preocupação com a popularidade e sua atividade nas arenas.

LIV - Promessas de Nero ao povo, antes de morrer.

LV - Seu desejo por se eternizar na memória da posteridade.

LVI - Suas crenças religiosas.

LVII - Data de seu falecimento; descrição da felicidade causada por sua morte



* Depois da morte de Agripa, Júlia foi obrigada a casar com Tiberio. Não houve filhos.

Figura 1. Árvore genealógica das famílias Júlia e Cláudia.

Traços dos doze imperadores biografados por Suetônio. In Cizek, Eugen. *Structures et idéologie dans “Les Vies des Douze Césars” de Suétone*”)

Traço	César	Augusto	Tibério	Calígula	Cláudio	Nero	Galba	Óton	Vitélio	Vespasiano	Tito	Domiciano
+	135	282	84	23	77	39	14	25	1	59	48	30
-	61	25	183	213	94	193	34	10	61	11	5	73
0	56	114	59	51	86	53	16	14	11	40	7	48
+ e -	9	16	7	0	8	4	6	4	1	1	1	1
0 e +	38	47	28	22	17	13	23	14	7	31	6	7
0 e -	36	31	16	12	25	51	20	9	21	5	5	18
+ : -	2,21	11,28	0,46	0,11	0,82	0,20	0,41	2,50	0,016	5,36	9,6	0,41

ALFABETOS LATINO E GREGO

NOSSO ALFABETO ATUAL		ALFABETO LATINO		PRONÚNCIA (LATIM)
Maiúsc.	Minúsc.	Maiúsc.	Minúsc.	
A	a	A	a	[a]
B	b	B	b	[b]
C	c	C	c	[k]
D	d	D	d	[d]
E	e	E	e	[e]
F	f	F	f	[f]
G	g	G	G	[g]
H	h	H	h	[r]
I	i	I	i	[i] ¹² , [j] ¹³
J	j			
K	k	K	K	[k]
L	l	L	l	[l] ¹⁶
M	m	M	m	[m]
N	n	N	n	[n]
O	o	O	o	[o]
P	p	P	p	[p]
Q	q	Q	q	[k] ¹⁷
R	r	R	r	[rrr], [r]
S	s	S	s	[s]
T	t	T	t	[t]
U	u	V	u	[u], [w] ¹⁹
V	v			
W	w			
X	x	X	x	[ks]
Y ²⁰	y	Y	y	[ü]
Z ²¹	z	Z	z	[dz], [z]

ALFABETO GREGO ¹⁰		Transcrição do grego em caracteres latinos	Nome da Letra	PRONÚNCIA (GREGO)
Maiúsc.	Minúsc.			
A	α	A, a	alpha	[a]
B	β	B, b	beta	[b]
Γ	γ	G, g	gamma	[g], [n] ¹¹
Δ	δ	D, d	delta	[d]
E	ε	Ē, ě	épsilon	[ê]
Z	ζ	Z, z	zeta	[dz], [zd]
H	η	Ē, ē	eta	[é]
Θ	θ	Th, th	theta	[th]
I	ι	I, i	iota	[i] ¹⁴ , [j] ¹⁵
K	κ	K, k; C, c	kappa	[k]
Λ	λ	L, l	lambda	[l]
M	μ	M, m	mu	[m]
N	ν	N, n	nu	[n]
Ξ	ξ	X, x	xi	[ks]
O	ο	Ō, ō	ômicron	[ô]
Π	π	P, p	pi	[p]
P	ρ	R, r	rho	[rrr], [r]
Σ	σ, ς ¹⁸	S, s	sigma	[s]
T	τ	T, t	tau	[t]
Υ	υ	Y, y; U, u	upsilon	[ü]
Φ	φ	Ph, ph	phi	[pf]
X	χ	Kh, kh, Ch, ch	khi	[kh]
Ψ	ψ	Ps, ps	psi	[ps]
Ω	ω	Ō, ō	ômega	[ó]

¹⁰ Percebam que a ordem de apresentação do alfabeto grego não é igual à do nosso alfabeto.

¹¹ Antes de κ, ξ, χ ou outro γ.

¹² i vogal.

¹³ i semivogal. O i era a letra usada para representar a semivogal [j], já que o j (pronúncia [ʒ]) não existia em latim.

¹⁴ i vogal.

¹⁵ i semivogal.

¹⁶ Pronunciar sempre [l], mesmo em fim de palavra: animal: [animal] e não [animaw].

¹⁷ O q sempre aparece junto de um u: quattuor (quatro) pronuncia-se [kwator].

¹⁸ Para a letra s minúscula, os gregos usavam σ em meio de palavra e ς em final de palavra.

¹⁹ O u era a letra usada para representar a semivogal [w], já que o v (pronúncia [v]) não existia em latim.

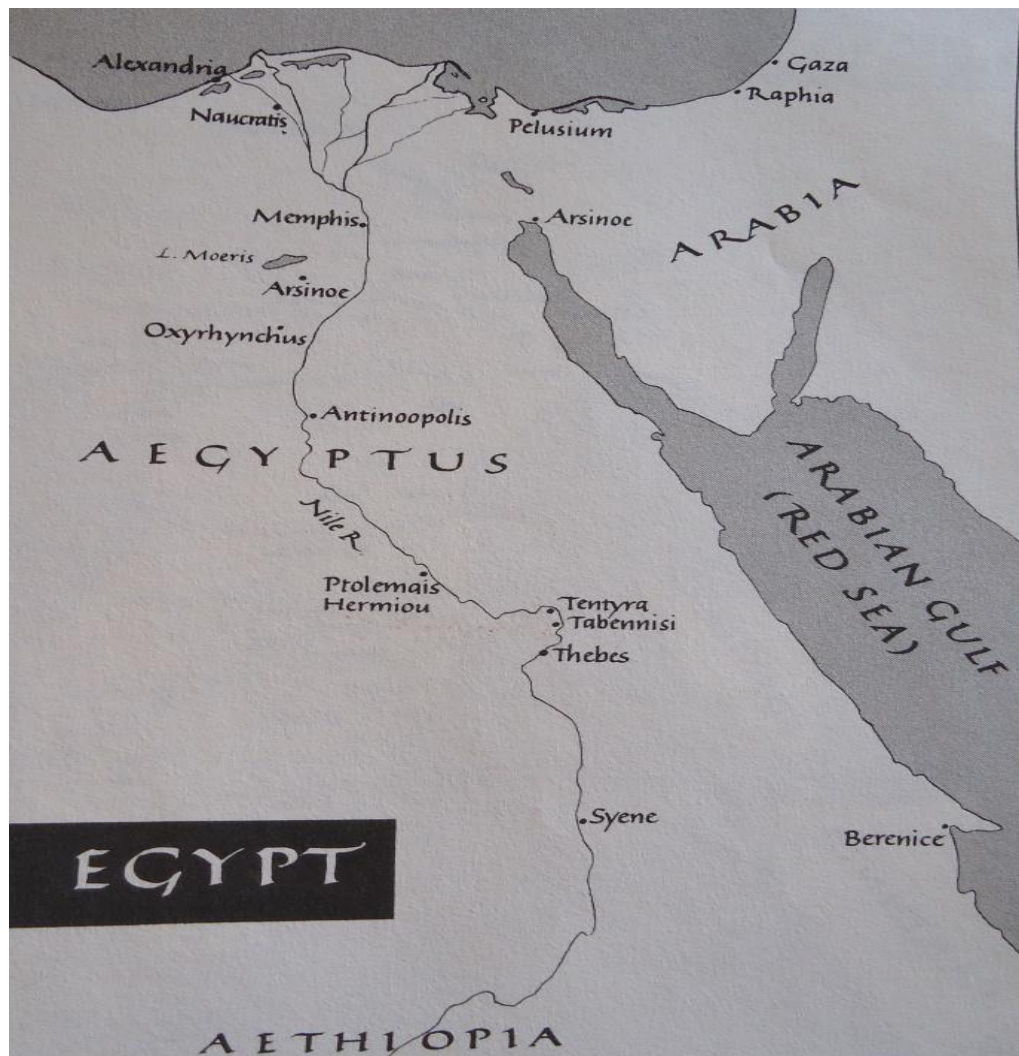
²⁰ O Y foi introduzido no fim no século I a.C. para transcrever palavras gregas.

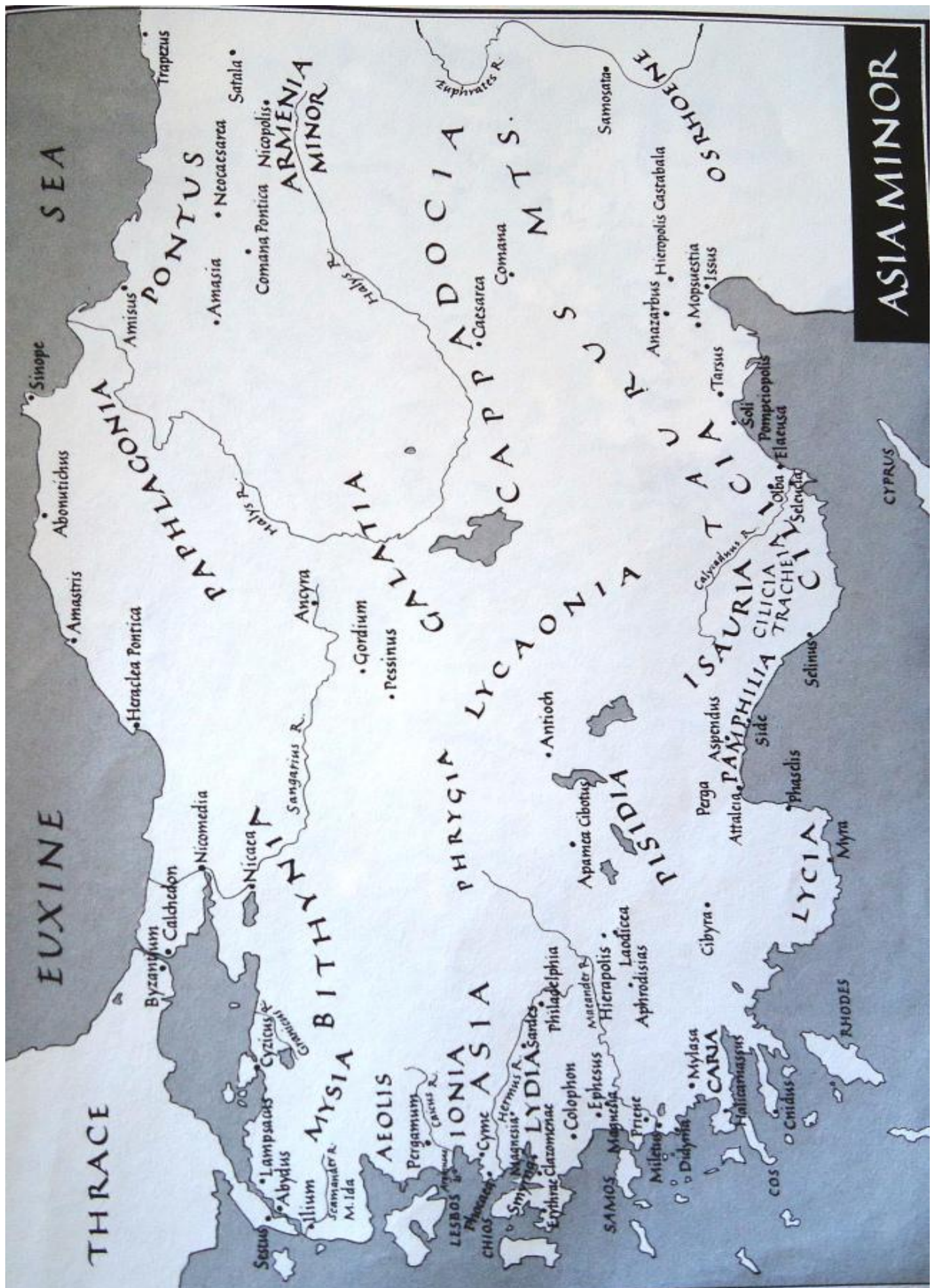
²¹ O Z também foi introduzido no fim no século I a.C. para transcrever palavras gregas.

ITALY

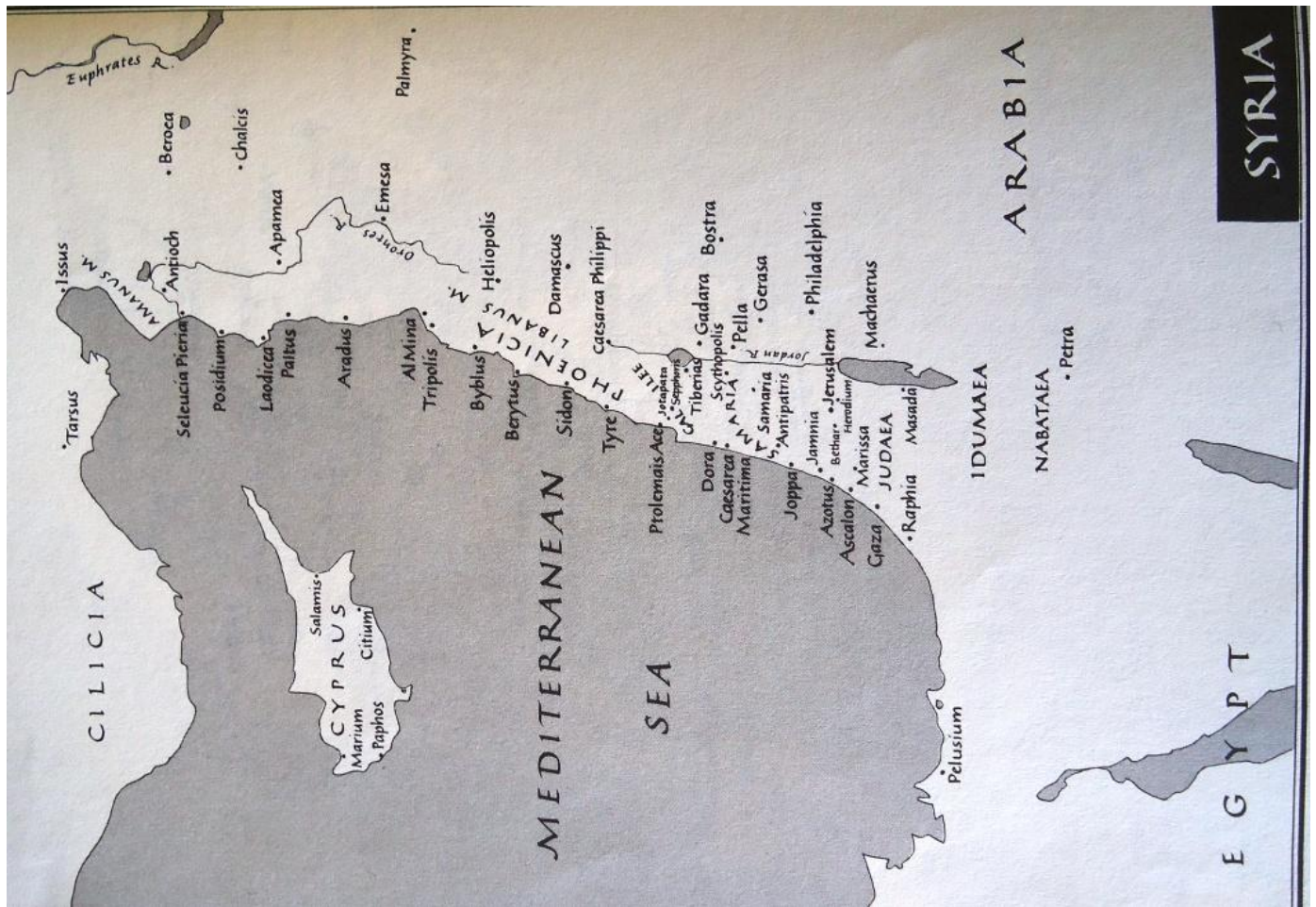


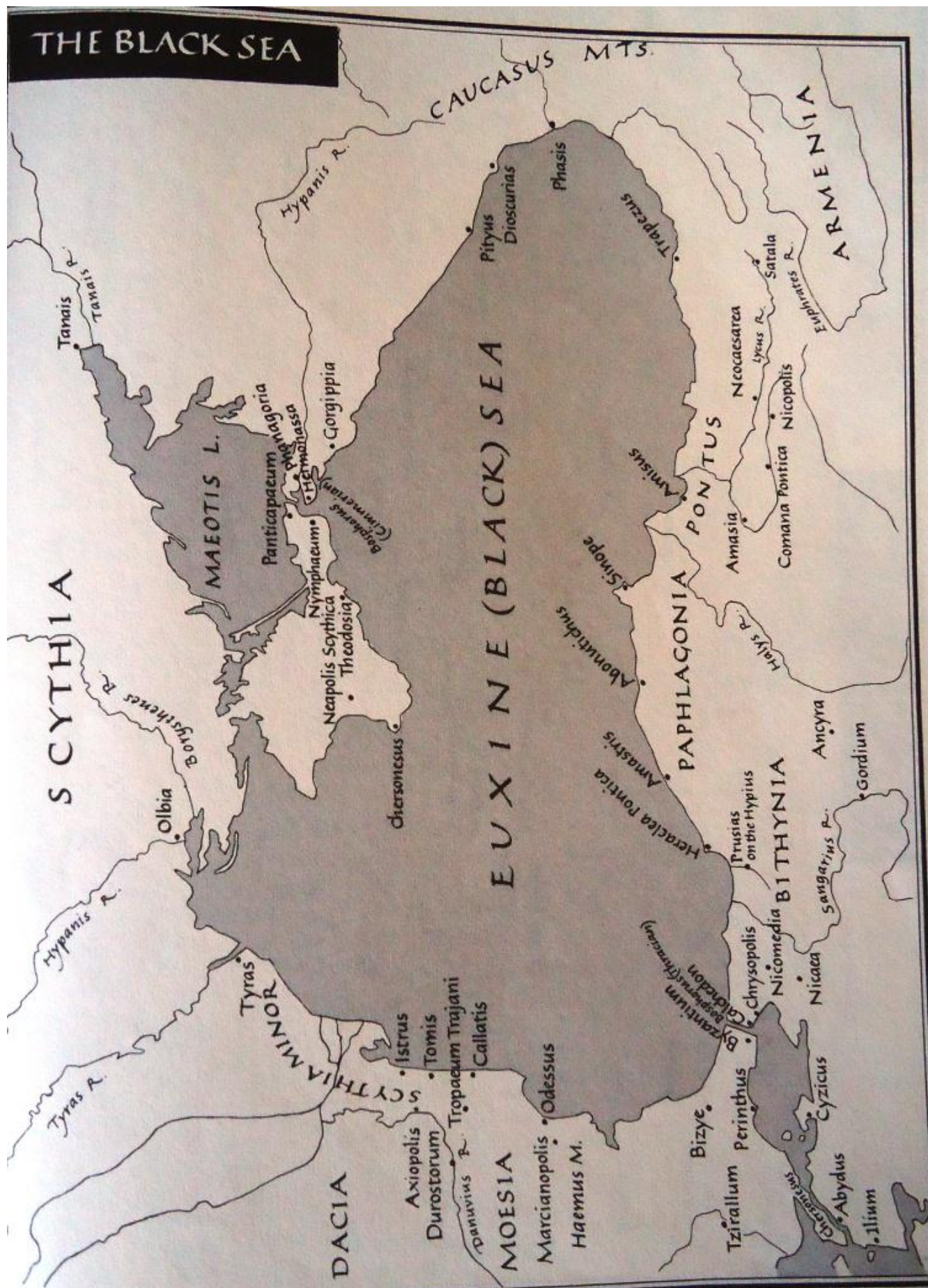






ASIA MINOR





LINHA DO TEMPO

(Baseado em CONTE, G. B. *Latin Literature. A History*)

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
VIII a.C.	- 776 – primeira Olimpíada (776). - 753 – Data tradicional da fundação de Roma. - Rômulo (até 716) e Numa Pompílio (até 673), reis de Roma.	- Homero (<i>Ilíada</i> e <i>Odisseia</i>).	
VIII-VII a.C.		- Hesíodo (<i>Teogonia</i> e <i>Os Trabalhos e os Dias</i>).	
VII a.C.	- Tulo Hostílio (até 642), Anco Márcio (até 617), Tarquínio Prisco (até 579), reis de Roma. - Com Tarquínio Prisco, inicia-se certa hegemonia etrusca no poder romano, que vai até o fim da Monarquia.	- Calino de Éfeso (poeta elegíaco). - Arquíloco de Paros (poeta jâmbico). - Tirteu de Esparta (poeta elegíaco). - Alcman (poeta lírico). - Mimnermo (poeta elegíaco).	
VII-VI a.C.		- Safo de Lesbos (poeta lírica). - Alceu de Mitilene (poeta lírico). - Sólon de Atenas (poeta elegíaco).	
VI a.C.	- Sêrvio Túlio (até 535), Tarquínio, o Soberbo (até 510), reis de Roma. - 546: os persas de Ciro conquistam a Lídia (Ásia Menor). - 527 – morte de Psístrato, tirano de Atenas. - 509 – Fim da Monarquia e início da República em Roma.	- Tales, Anaximandro e Anaxímenes de Mileto (filósofos). - Teógnis de Megara (poeta elegíaco). - Estesícoro (poeta lírico). - Hipônax (poeta jâmbico). - Íbico (poeta lírico). - Anacreonte (poeta lírico, elegíaco e jâmbico). - Xenófanes de Cólofon (poeta-filósofo). - Esopo (?) (poeta fabulista)	
VI-V a.C.		- Heráclito de Éfeso (filósofo). - Ésquilo (525-456 a.C.) (tragediógrafo). - Píndaro (518-438 a.C.) (poeta lírico). - Frínico (tragediógrafo).	

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
V a.C.	- 494 – Conflitos em Roma entre patrícios e plebeus. - 490 – Os persas, liderados por Dario, invadem a Grécia. Batalha de Maratona, com vitória de Atenas. - 480 – Os persas invadem a Grécia novamente, agora liderados por Xerxes. Batalha de Salamina, com vitória dos gregos, comandados por Temístocles. - 447-438 - Construção do Partenão, em Atenas. - 431-404 - Guerra do Peloponeso, entre Atenas e Esparta. - 430 – Atenas é acometida pela praga. - 429 – morte de Péricles.	- Sófocles (497-405 a.C.) (tragediógrafo) - Eurípides (485-406 a.C.) (tragediógrafo). - Heródoto (484-424 a.C.) (historiador). - Parmênides de Eleia (filósofo). - Empédocles de Agrigento (filósofo). - Crátino (comediógrafo). - Fídias (465-425) (escultor) - Policleto (c. 460-410 a.C.) (escultor). - Tucídides (c. 460-403 a.C.) (historiador). (<i>História da Guerra do Peloponeso</i>)	
V-IV a.C.		- Sócrates (470-399 a.C.) (filósofo). - Platão (428-347 a.C.) (filósofo). - Aristófanes de Atenas (445-385 a.C.) (comediógrafo). - Isócrates (436-338 a.C.): orador. - Xenofonte (historiador).	
IV a.C.	- 399 – Execução de Sócrates. - 390 – Gauleses invadem e incendiam Roma. - 371 – Tebas assume a hegemonia entre as cidades-estados gregas, após vencer Esparta na batalha de Leuctra. - 343 – Primeira guerra entre romanos e samnitas. - 338 – Filipe II, rei da Macedônia, domina a Grécia, após vencer a batalha de Queroneia. - 338 – Roma derrota a Liga Latina. - 336 – Com o assassinato de Filipe II, Alexandre, futuro Alexandre, o Grande, se torna rei da Macedônia. - 331 – Alexandre funda a cidade de Alexandria, no Egito. - 327-304 – Segunda guerra entre romanos e samnitas, com vitória destes últimos. - 323 – Morte de Alexandre, o Grande. Um de seus generais, Ptolomeu I Sóter, reina no Egito.	- Aristóteles (384-322 a.C.) (filósofo). - Demóstenes (384-322 a.C.) (orador). - Praxíteles (escultor). - Aléxis (comediógrafo).	
IV-III a.C.		- Zenão de Cício (335-262 a.C.) (filósofo, fundador do estoicismo). - Menandro (c. 342-c. 290). (comediógrafo). - Epicuro (341-270 a.C.) (filósofo, fundador do epicurismo).	

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
IV-III a.C.		- Calímaco de Cirene (320-240 a.C.) (poeta). - Arato (c. 315-c. 240 a.C.) (poeta). - Teofrasto (c. 372-287 a.C.) (filósofo, sucessor de Aristóteles no Liceu). - Teócrito de Siracusa (poeta bucólico). - Dífilo de Sinope (comediógrafo).	
III a.C.	- 298-290 – Terceira guerra entre romanos e samnitas. - 283 – Com a morte de Ptolomeu I Sóter, sobe ao trono do Egito Ptolomeu II Filadelfo. - 275 – Romanos e cartagineses derrotam Pirro, rei do Epiro, na batalha de Benevento. - 270 – Roma vence Régio, tornando-se senhora de toda a península itálica. - 264-241 – Primeira Guerra Púnica (romanos contra cartagineses). - 247 – Ptolomeu III Evergetes sucede a Ptolomeu II, morto, no trono egípcio. - 241 – Átalo I torna-se rei de Pérgamo, rival de Alexandria no plano econômico e cultural. - 227 – Sicília e Sardenha se tornam províncias romanas. 221 – Ptolomeu Evergetes morre e é sucedido no trono egípcio por Ptolomeu IV Filopátor. - 218-201 – Segunda Guerra Púnica. - 218 – Aníbal atravessa os Alpes para invadir a Itália. - 216 – Derrota dos romanos na batalha de Canas. -207 – Os romanos derrotam os cartagineses na batalha de Metauro, em que morre o general de Cartago, Asdrúbal. 202 – Batalha de Zama, com vitória total de Roma.	- Hermesíanax (poeta elegíaco) - Apolodoro de Caristo (comediógrafo) - Zenódoto (erudito e diretor da biblioteca de Alexandria). - Apolônio de Rodes (poeta épico e sucessor de Zenódoto na direção da biblioteca de Alexandria) (<i>Argonautica</i>) - Menipo de Gádara (filósofo cínico), - Sótades de Maroneia (poeta licencioso). - Euforião de Cálcis (poeta).	- Lívio Andronico (tragediógrafo e comediógrafo e tradutor da <i>Odisseia</i> de Homero para o latim) (<i>Odusia</i>) - Névio (?-240/201 a.C.) (tragediógrafo, comediógrafo e poeta épico).
III-II a.C.			- Plauto (c. 259-184) (comediógrafo). - Cecílio Estácio (230-168 a.C.) (comediógrafo). - Ênio (239-169 a.C.) (comediógrafo, tragediógrafo e poeta épico) (<i>Anais</i>). - Catão, o Censor (ou Catão, o Antigo) (234-149 a.C.) (orador, historiador e tratadista). - Pacúvio (220-130 a.C.): tragediógrafo.

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
II a.C.	- 168 – Vitória do general romano Paulo Emílio contra Perseu, rei da Macedônia, na batalha de Pidna. - 149-146 – Terceira Guerra Púnica. Cipião Emiliano arrasa Cartago. - 133 – Assassinato de Tibério Graco, tribuno da plebe. - 121 – Assassinato de Caio Graco, tribuno da plebe. - 111-107 – Guerra contra Jugurta, rei da Numídia. Início do sucesso militar e político de Mário.	- Políbio (c. 200-c. 118) (historiador).	- Terêncio (c. 195-159). (comediógrafo). - Lucílio (c. 180-102) (poeta satírico). - Afrânio (comediógrafo).
II-I a.C.		- Posidônio (c. 135-c. 51) (filósofo).	- Ácio (170- c. 90) (tragediógrafo). - Varrão (116-27) (historiador e erudito) (<i>De Re Rustica</i>, <i>De Lingua Latina</i>, etc). - Cícero (106-43) (orador, filósofo, político) - Valério Edúto, Pórcio Licino, Volcácio Sedígito (<i>poetae noui</i>). - Cornélio Nepos (c. 110-24) (biógrafo). - Lévio (poeta).
I a.C.	- 91-87 – Guerra social (Roma contra uma confederação de aliados da Itália). - 88-81 – Diversos conflitos entre os grupos de Sila e de Mário. - 81 – Ditadura de Sila. - 78 – Morte de Sila. - 73-71 – Revolta de Espártaco. - 63-62 – Descoberta e enfrentamento da conspiração de Catilina. - 60 – Primeiro Triunvirato (Pompeu, César e Crasso). - 58-57 - Campanha de César na Gália. - 52 – Bandos rivais de Milão e Clódio se enfrentam nas ruas de Roma. - 55 – Inauguração do primeiro teatro em pedra de Roma, o Teatro de Pompeu. - 49-48 – Guerra civil entre César e Pompeu, decidida com a vitória do primeiro na batalha de Farsália (48). - 46 – Suicídio de Catão de Útica. - 44 – Assassinato de César.	- Partênio de Niceia (poeta e erudito).	- César (100-44) (general, político, historiador) - Lucrécio (c. 98-c. 55) (poeta). - Valério Catão (c. 90-?) (poeta e filólogo). - Pompônio e Nívio (comediógrafos). - Catulo (c. 87-c. 57) (poeta). - Salústio (86-c. 35) (historiador). - Obra <i>Retórica a Herênio</i> (ca. 85). - Varrão Atacino (82-?) (poeta). - Licínio Calvo (82-47) (poeta e orador). - Fúrio Bibáculo (c. 82-?) (poeta). - Vário Rufo (c. 73-?). (poeta). - Válgio Rufo (poeta). - Virgílio (70-19) (poeta).

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
I a.C.	- 43 – Batalha de Mutina: Otávio vence Marco Antônio. Segundo triunvirato: Otávio, Marco Antonio e Lépido. - 42 – Batalha de Filipos (Otávio e Marco Antônio vencem os cesaricidas). - 31 – Batalha de Ácio (Otávio derrota Marco Antônio e Cleópatra, que se suicidam; o Egito se torna província romana). - 27 – Otávio assume o título de Augusto. - 21 – Agripa se casa com Júlia, filha de Augusto.		- Galo (c. 69-26) (poeta elegíaco). - Horácio (65-8) (poeta) - 62 - Discurso <i>Pro Archia</i> (<i>Defesa de Árquias</i>), de Cícero. - Tibulo (c. 55-c. 19) (poeta elegíaco). - Propércio (c. 47-c. 14) (poeta elegíaco).
I a.C.- I d.C.			- Ovídio (43 a.C.-17 d.C.) poeta. - Vitrúvio (arquiteto e tratadista). - Higino (erudito). - Sêneca, o Velho (c. 50 a.C.-c. 41 d.C. (retórico e historiador). - Sêneca, o Jovem (c. 4 a.C.-65 d.C.) (filósofo e tragediógrafo). - Tito Lívio (59 a.C.-17 d.C.) (historiador). - Asínio Polião (76 a.C.-4 d.C.) (general, poeta, orador). - Manílio e Germânico (poetas didáticos). - Fedro (c. 15 a.C.-50 d.C.). (poeta fabulista).
I d.C.	- 8 – Ovídio é exilado em Tomos, na costa ocidental do Ponto Euxino (Mar Negro). - 14 – Augusto morre e é sucedido por seu enteado Tibério. - 31 – Com a morte de Tibério, Calígula assume o poder. - 41 – Calígula assassinado, seu tio Cláudio se torna o imperador. - 44 – Conquista da Britânia pelos romanos. - 54 – Morre Cláudio e Nero o sucede. - 59 – Nero manda matar a mãe. - 64 – Nero persegue os cristãos. - 65 – Conspiração de Pisão contra Nero. - 68 – Insurreição de Júlio Vindex, depois de Galba e suicídio de Nero. - 69 – Ano em que quatro imperadores se sucederam no poder: Galba, Ôton, Vitélio e Vespasiano. - 70 – Tito, filho de Vespasiano, acaba com rebelião de judeus e ocupa Jerusalém. - 79 – Tito assume o poder após a morte do pai. Erupção do Vesúvio que soterrou Pompeia e outras cidades e vilas. - 80 – Inauguração do Anfiteatro Flávio (o Coliseu).		- Plínio, o Velho (c. 23-79) (general e enciclopedista). - Apício (tratadista - culinária). - Valério Máximo (historiador). - Pérsio (34-62) (poeta satírico). - Quintiliano (c. 35-c. 95) (retórico) - Lucano (39-65) (poeta épico). - Estácio (c. 40-c. 96). (poeta). - Petronio (?-66) (romancista). - Columela (tratadista – agricultura). - Calpúrnio Sículo (poeta bucólico). - Valério Flaco (poeta épico).

Séculos	Alguns fatos importantes da história de Grécia e Roma	Literatura Grega	Literatura Latina
I d.C.	- 81 – Tito morre e o império passa a seu irmão Domiciano. - 96 – Nerva sucede a Dominiciano, assassinado. - 98 – Nerva morre e Trajano se torna imperador.		
I-II d.C.		- Plutarco (c. 48-c. 120) (historiador).	- Plínio, o Jovem (c. 61-c. 113) (político, orador, poeta e epistológrafo). - Sílio Itálico (c. 26-101) (poeta épico). - Marcial (c. 38-c. 104) (epigramatista) - Juvenal (c. 50-c. 127). (poeta satírico). - Tácito (c. 55-c. 118) (historiador). - Suetônio (c. 70-c. 130) (biógrafo e erudito).
II d.C.	- 106 – Conquista da Dácia por Trajano. - 114 – Conquista da Armênia. - 115 – Conquista da Mesopotâmia e da Arábia, atingindo o Império Romano a sua maior extensão. - 117 – Trajano morre e é sucedido por Adriano. - 138 – Com a morte de Adriano, Antonino Pio se torna imperador. - 139 – Término da construção do Mausoléu de Adriano. - 161 – Marco Aurélio é o novo imperador, após a morte de Antonino Pio. - 180 – Morto Marco Aurélio, seu filho Cômodo assume o poder. - 192 – Depois do assassinato de Cômodo, Pertinax se torna imperador. - 193 – Assassinato de Pertinax e subida ao trono de Dídio Juliano, que também é morto. Setímio Severo, por fim, se torna o imperador.	- Luciano de Samósata (c. 120-c. 180).	- Apuleio (c. 125-?) (orador e romancista). - Aulo Gélcio (c. 130-?) (erudito) - Floro (historiador). - Tertuliano (c. 150-c. 220) (apologista e teólogo cristão).
III d.C.	- 211 – Caracala e Geta assumem conjuntamente o poder após a morte de seu pai, Setímio Severo. No ano seguinte, Caracala manda matar o irmão e governa sozinho. - 217 – Caracala é morto e Macrino é nomeado imperador. - 218 – Macrino é morto e Heliogábalo assume o poder. - 222 – Com o assassinato de Heliogábalo, Severo Alexandre se torna imperador até sua morte, em 235. - 235-284: “Crise do século III”: guerras civis, grande indefinição no poder e inúmeras trocas de imperadores. - 285-286 – Diocleciano se torna imperador juntamente com Maximiano. Ambos ficam até 305, quando abdicam. - 298 – Início da construção das Termas de Diocleciano	- Plotino (c. 205-c. 269) (filósofo).	